

Que importa o esbravejar do infeliz belicoso na sua zanga vã, que não o leva a nada? Melhor ouvir Abel, varão consciencioso, que o seu irmão Caim, ao brandir tua adaga. Perdoa sempre o ser hostil, contencioso! Busca no coração, como Davi, a escada de luz, na elevação ao perdão generoso que te dá o Criador nos degraus da escadaria! Sê grato à contusão que te oferece o espinho! Agradece a teu Deus por tua compreensão de que os espinhos são as provas do caminho! Perante a tempestade, ora a Deus com carinho! Sirvam-te de fanal as luzes da razão, sendo sempre, do irmão, um farol no caminho!

A. Lacerda Júnior, em Fanal 0303

Minha caneta (pobrezinha!) estanca ao ver-me embarçado em lero-lero. (...e eu – o sonetista – que me esmero em retirar um tema da retranca?!). Eu sei que ela adoece enquanto espero que alguma idéia sirva de alavanca. (...e a folha virgem continua branca...) (...e eu me desgosto em aderir ao zero). E a canetinha morre, assim, de leve na ponta fina, azul, que nada escreve, vitimada que foi, de haraquiri. Caneta suicida, o teu velório definitivamente é provisório, que este soneto – (vês?) – já conclui!

Miguel Russowsky, Canetinha Fiel, em Fanal 0101

Estava eu só... Passou... Sorri... Olhei-a... Estremeceu. Estremecei. Sucede que o imprevisível manda e a gente cede. No céu azul brilhava a lua cheia. Depois... as conseqüências. – Quem as mede se a razão, sem razão, já titubeia? E o mar acariciando o ardil, na areia: “o vinho é bom servir antes que o azede!” Vai-se o verão. Agora é frio e neva. Palavras sem valor, o vento as leva. As juras antecedem as desditas. Um instante de amor – eternidade! Dois instantes de amor – felicidade! ...Nem todas as mentiras foram ditas.

Miguel Russowsky, Promessas, em Milênio 0103

Odio la máscara y vicio del corredor de mi hotel: me vuelvo al manso bullicio de mi monte de laurel. Con los pobres de la tierra quiero yo mi suerte echar: el arroyo de la sierra me complace más que el mar.

Denle al vano el oro tierno que arde y brilla en el crisol: a mi denme el bosque eterno cuando rompe en él el sol. Yo he visto el oro hecho tierra barbullando en la redoma: prefiero estar en la sierra cuando vuela una paloma.

José Julián Martí 1853-1895, de Versos Sencillos III José Martí Poesía Completa, Tomo I, Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Anunciou a partida, dizendo: “É melhor assim!” e saiu de minha vida levando o melhor de mim...

Darly O. Barros, em Fanal 0104

A bússola mostra o norte, e a rota é bem escolhida. Jamais esqueças da morte na jornada desta vida.

José Fabiano, em A Voz da Inspiração, 0303

No inverno longo e silente que atinge a terceira idade, há um fenômeno envolvente, não cai neve... cai saudade!

José Messias Braz, em Trovalezga 0306

No momento em que partiste, pranteei minha viuvez... Foi o trajeto mais triste que uma lágrima já fez!

Maria Nascimento S. Carvalho, BI UBT SP

Cupido sempre intercala alguma perda em desejos: se me beijas... perco a fala, se me falas... perco os beijos.

Miguel Russowsky, em Fanal 0011

Talvez haja quem discorde, mas vou dizer, nesta quadra: o cão que ladra não morde, apenas quando ele ladra.

Ziver Ritta, em Fanal 0306

Tainha, tainha... Grita o vendedor de peixe – gataria inquieta.

Alberto Murata

Passa pela fogueira o operário da noite diminuindo o passo...

Clicie Pontes

Vento repentino pitangas caídas no chão tapete vermelho.

Eunice Arruda

Janela do quarto sendo aberta de manhã – chuva de ipê-roxo.

Francisco Handa

Asno com fome carrega sobre o dorso capim-gordura.

Masau Simizo

À luz da fogueira um velho perde as rugas ao narrar suas histórias.

Roberto Hissachi Saito SF9801

Ao entardecer deitadas na calçada tantas folhas secas.

Sérgio Dal Maso

H. Masuda Goga/Teruko Oda, de Natureza – Berço do Haikai, Kigologia e Antologia, 1996

Da minha janela uma fofura de branco. Nevou esta noite?

Billye Aimo

Uma cachoeira despencando em toda a parte. Surpreendente lago.

Emily Bihm

Veloz vai a neve e me leva em seu abraço longe da alegria.

Evan Baughfman

Verde pinheiral em seu cobertor de neve. Desperto meu ânimo.

Leanna Beck

Cascata levando por gelada escadaria a neve pro rio.

Loet Bear

Sob o sol, entre árvores, sobre os rochedos, a neve. Cascata de espuma.

R. A. Baumgartner

Derretida a neve macia e densa nos ramos, alastra-se e inunda.

Sharyl Beckett

http://www.poetry.com

– Yo soy ardiente, yo soy morena, yo soy el símbolo de la pasión, de ansia de goces mi alma está llena. ¿A mi me buscas? – No es a ti: no. – Mi frente es pálida, mis trenzas de oro, puedo brindarte dichas sin fin. Yo de ternura guardo un tesoro. ¿A mi me llamas? – No: no es a ti.

– Yo soy un sueño, un imposible, vano fantasma de niebla y luz; soy incorpórea, soy intangible: no puedo amarte. – ¡Oh, ven; ven tú!

¡Tú, sombra aérea, que cuantas veces voy a tocarte te desvaneces. Como la llama, como el sonido, como la niebla, como el gemido del lago azul! En mar sin playas onda sonante, en el vacío cometa errante, largo lamento del ronco viento, ansia perpetua de algo mejor, eso soy yo.

¡Yo, que a tus ojos en mi agonía los ojos vuelvo de noche y día; yo, que incansable corro y demente tras una sombra, tras la hija ardiente de una visión!

Tú eras el océano y yo la enhiesta roca que firme aguarda su vaivén: ¡tenías que romperte o que arrancarme...! ¡No pudo ser!

Gustavo Adolfo Bécquer (1836-1870), de Rimas y Leyendas, Edición de Enrique Rull Fernández, Plaza & Janés Editores, S. A., Bilbao; 2ª Edición 1985

Pobre do meu amigo seu profundo descontentamento e talento vulgar.

Havia graça na vida em fuga, no despertar em casas alheias. Bons tempos aqueles!

Retornando noite alta do trabalho agasalho forte ao peito o filho que há pouco esfriou para a vida.

Ainda que o hábito de beber saquê cause indisposição fui ao copo hoje outra vez.

Tristeza, como encerrar a arrogância de um cara vazio e impune?

Depois de revelar a alma despeço-me do amigo procurando algo perdido.

Takuboku Ishikawa (1885/1912), de Tankas: 4ª Ed. 1991, Massao Ohno Editor (trad. Masuo Yamaki e Paulo Colina)

Cafezal em flor... Quinta-essência... Bois na estrada!

Nus os pés dá-me a tua sombra... declina o dia.

Louco inseto inserto no incerto faz seu concerto.

Campo vibrante... mimosa borboleta deixou semente.

Se me defloro flores nascem sorrindo. Explodem luzes.

Tu és a chuva: serei a bêbada flor calicante!...

Penso suas mãos deslizando em montanhas. Há valos também.

A vida diz sim ao não feito em refrão grafado em mim.

Com você sou só nós na quietude, alcemos vô!

Magda Regina Lugon Arantes: de Os Limites do Reino, 1993

Todo drama se resume, nessa tragédia de dor: assasinar por ciúme, jurar que foi por amor!...

Titulos, nem protestados, nem feitos pra embromar, não os aceito, nem dados, que dados são pra jogar...

Ele beija a namorada, ela vê, larga-lhe a mão. Tempo quente, trovoadas, chuva que passa – verão!

O ciúme que me consome, tem o teu nome – Maria. Maria – que é o próprio nome, do nome próprio – Poesia!

Maria – doce lembrança, dos primeiros sonhos meus! ontem – Maria Esperança! hoje – Maria de Deus!

Destinação, trovadores, nossa predestinação: cantar em rimas, as dores e os risos do coração...

Anís Murad Lasmár (1904-1962), Sonho, em Ecos do Silêncio, 1996 – Obra Póstuma, Coordenação de Jorge Murad (1910-1998)

Sussurro no ar borboleta marinha mensageira.

Com olhos broto dos muitos caminhos escuros que percorri.

Árduo, belo o tempo que ensina paciência.

Sá mariposa ingênua vem visitar túmulo quente.

Deixar de vagar ancorar em teu peito um só instante.

Nada esperar não assustar o dia de te ver chegar.

O meu coração samurai a galope tenta entender o quê?

Guta Marques Porto: de No Ombro da Noite, 1992

Direito de mercador ou direito de esperto ao juiz não dá valor em salvar o analfabeto.

Não é humana a Justiça, isto é verdade patente, rara pois alguma liça venha a salvar algum crente.

Um partido se reparte é normal tal condição, mas se assuste se há arte quando houver única opção.

Sancho Pança se entristece vendo a Justiça vendada, pois a venda só enaltece os espertos na jogada.

Nos tribunais há um crivo de difícil solução: a astúcia do mais vivo manda às favas o cristão.

Justiça ninguém alcança se o ardil é a jogada, pois a venda na balança deixa a coisa mal pesada.

Manoel F. Menendez

O M A L U C O
Mercedes Frediani Kapahnke, em Oficina Literária Sesc Pompéia (coordenadora: Elizabeth Ziani) 1995

Todos o chamavam de tenente maluco, ninguém sabia o seu verdadeiro nome. No bairro onde morava, as crianças judiavam muito dele, atiravam pedras e o chamavam de maluco porque quando andava pela rua, ele rodopiava, se punha em sentido de alerta para atirar e batia continência. Sua casa parecia uma fortaleza, na frente ele armou uma trincheira de guerra. Não podia ver ninguém de vermelho, ficava enfurecido e gritava muito. Ninguém entendia

porque ele agia assim... Vivia só, não recebia pessoa alguma. Certa vez, o tenente sumiu, os vizinhos começaram a comentar: “será que ele morreu?” E preocupados chamaram a polícia, pois todos tinham medo de entrar em sua casa. Os policiais arrombaram a porta e entraram, alguns vizinhos foram juntos. O mau cheiro se alastrou, e começaram a procurar pelo tenente.

Ao entrar na sala, puderam compreender porque ele agia assim, de maneira tão estranha. Na parede, havia um quadro com muitas medalhas de honra, ele tinha combatido na guerra. Não era Tenente e sim Major, formado em medicina veterinária e falava vários idiomas. Isso foi constatado pelo polícia que revirou toda a casa e encontrou vários diplomas. Descobriram por fim o seu verdadeiro nome Januário. Os vizinhos ficaram envergonhados ao desco-

brirem a verdadeira identidade do Maluco e muito tristes, pois quando entraram na cozinha, encontraram ele caído apertando contra o peito uma bandeira brasileira. Estava morto, mas com o semblante feliz. O velório e enterro foram feitos com todas honrarias merecidas e sua memória ficou gravada por todos. Quando vivo, todos o temiam, depois de morto, tornou-se herói.

TEMAS DA SAZÃO (QUIDAI) INVERNO		
Cortina rasgada. Cipó-de-são-joão entrando traz o sol na sala. Alba Christina	Natureza festiva sol forte brilha Dia do Agricultor. Flávio H. Velasco	Sábua Natureza! O Dia do Trovador amanhece lindo! Maria Madalena Ferreira
Águas revoltosas escamas e barbatanas cação em cardume. Amari do Amaral Campos	Corre para o fogo. Só não importa o momento: - Dia do Bombeiro. Haroldo R. de Castro	Meu novo endereço: na entrada, te espera, a poin- setia, de braços abertos. Maria Regina Labruciano
Enfeitando o muro, flores multicoloridas. Cipó-de-são-joão. Analice Feitoza de Lima	A roça em festa Dia do Agricultor. Bebidas e doces. Helvício Durso	Dia do Pescador, escamas rebrilham ao sol. Hoje não tem pesca! Nadyr Leme Ganzert
Alto-mar. Cação. No batel, os pescadores tentando fiska-lo. Angélica Villela Santos	Nos flocos que caem o algodão-doce de neve assusta o menino. Héron Patricio	Licor de pitanga bebericado na xícara. Delícia de inverno. Olga Amorim
Com o arado à mão o agricultor goza o dia. Dia do Agricultor. Anita Thomaz Folmann	É tempo de inverno. Da minha janela eu vejo a praia deserta. Humberto Del Maestro	Preparando o doce retiro a lista dos figos, num balde, com sal. Olíria Alvarenga
De vara na mão, menino pesca no rio. Na cesta um cação. Cecy Tupinambá Ulhôa	Atum bem fresquinho na mesa do sertanejo. Rara refeição. João Batista Serra	Nadador esperto permanecendo no barco. Água com cação. Regina Célia de Andrade
Cangalha nos ombros no Dia do Agricultor - chamado da terra. Darly O. Barros	Praia de inverno... No dorso de ondas gigantes Netuno em espumas. João Elias dos Santos	Mudança dos tempos... Pelo correio elegante, proposta indecente. Renata Paccola
Pendendo da árvore o cipó-de-são-joão vem emaranhado. Djalda Winter Santos	Atuns em cardumes passam ao lado do barco! Livres, entre espumas... Leonilda Hilgenberg Justus	No campo: churrasco, cerveja, música e dança. Dia do Agricultor. Roberto Resende Vilela
Arca do tesouro com diminutos rubis? Apenas pitangas. Elen de Novais Felix	Figueira viçosa cheia de frutos maduros. Contos de eu menino... Manoel F. Menendez	Filés de atum. A peixeira da serra com cheiro de mar. Sérgio Pichorim
Gritante na paisagem, assustadora medusa... árvore desnuda! Fernando Vasconcelos	Todos satisfeitos: colheita farta e rendosa. Dia do Agricultor! Maria App. Picanço Goulart	Chorão desfolhado: rio apressado não mostra sua imagem nua. Walma da Costa Barros

SELEÇÕES MENSAIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAUCUS

Remeter até 30.07.03, quigos à escolha:
Dia da Padroeira, Colibri, Frésia.

Remeter até 30.08.03, quigos à escolha:
Dia da Cultura, Jatobá, Vespa.

O haicu deve ser feito no momento da ocorrência, dando destaque ao quigo (palavra da sação), seu motivo principal: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, etc., mais aperfeiçoamos sua feitura na metragem 5-7-5 ou menos.

No Quadro Final, orientaremos sobre os trevos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção dos mesmos. *Vamos lá, coragem!*

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP ou mfmenez@ig.com.br

- Preencher até três haicus, (veja quigos acima, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio com nome e endereço do remetente, até o dia 30 do respectivo mês. Pode ser usado também sinônimos *corretos* dos respectivos quigos - palavras da estação, ou seja, sinônimos referentes à natureza.
- Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.
- Sete dias após remessa do rol para escolha, o haicuísta enviará seus votos numa folha, para apuração do resultado. A folha conterá o nome do haicuísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicu de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.
- O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

TREVO À OCIDENTAL. ° - TREVO PERSONAGEM *

Motorista em festa. * Ônibus ornamentado! - Dia especial . Ailson Cardoso de Oliveira	Dia do Bancário. ° O banco não paga a festa, só paga o salário. Fernando Vasconcelos
Trovador, que orgulho, ° pois Luiz Otávio é seu dia!... - 18 de Julho. Fernando L. A. Soares	Co' amor, * pro lar a quadra popular versifica o trovador. Marcelino R. de Pontes

HAUCUS EM FOLHA		
O céu orquestrando canções de vento e granzito. Frio no telhado. Maria de Jesus B. de Mello	Sob uma marquise, enregelado de frio, menino dormindo. Analice Feitoza de Lima	O gado desfila sobre a passarela verde, do capim-gordura... Elen de Novais Felix
A perder de vista sebes de capim-gordura. E o gado pastando... Darly O. Barros	No capim-gordura, gotículas de sereno lembrando diamantes. Regina Célia de Andrade	Crianças brincando de mergulhar no mar verde. Capim-gordura. Anita Thomaz Folmann
O céu emoldura a colina verde/rubra de capim-gordura. Amari do Amaral Campos	Manhã. Muito frio. Quase não se vê a serra nem o sol aquece... João Batista Serra	O frio castiga. Da janela espio a rua: - menino sem rumo! Humberto Del Maestro
Os lábios da noite deixando beijos de orvalho no capim-gordura. Regina Célia de Andrade	Região serrana: a lareira, o queijo, e o vinho no frio gostoso. Alba Christina	Do muro transborda capim-gordura macio. Um burrico passa. Maria de Jesus B. de Mello
Na manhã nublada, vem, tiritando de frio, um octogênio. Olíria Alvarenga	Na estrada pra roça uma carroça parada. um capim-gordura. Sérgio F. Pichorim	Faz frio lá fora. Em casa junto à lareira ancios dormitam. Walma da Costa Barros
Na manhã cinzenta, a flor, molhada de orvalho, também sente frio. Elen de Novais Felix	Na rua deserta, um vento frio assobia. Gane um cão sem dono. Olíria Alvarenga	Uma sopa quente une a família, deixando o frio lá fora. Alba Christina
O inseto entouce, nas plumagens violáceas do capim-gordura. Amélia Marie G. Bornheim	Na loja repleta o comerciante alegre, festeja o seu dia!... Elen de Novais Felix	Mendigos com frio. Prefeitura preocupada com taxa de lixo. Renata Paccola
Após a colheita, capim-gordura empilhado garante forragem. Djalda Winter Santos	Invernada a fora, o gado sobe comendo o capim-gordura. Analice Feitoza de Lima	Madrugante esguio em passos largos exala fumaça no ar frio. Fernando L. A. Soares
Domingo de chuva. Dia do Comerciante. Faxina na loja. Darly O. Barros	No início da noite, um nordestino em São Paulo morrendo de frio. Renata Paccola	Dinheiro minguado... Dia do Comerciante: - nada a festejar. Maria Madalena Ferreira
Reflexos do sol fazem do capim-gordura, cenário de sonho. Regina Célia de Andrade	Da bruma cinzenta se erguem Agulhas Negras. Morada do frio. Maria de Jesus B. de Mello	No canto da sala o baile das achas afugenta o frio... Darly O. Barros

A M A D R A S T A M Á
Os Melhores Contos Populares de Portugal: Seleção, prefácio e estudo de Luis da Câmara Cascudo, Edições de Ouro

Um viúvo que tinha uma filha casou com uma viúva muito má e que maltratava a enteada, dando-lhe a vida de cão. A comida era pouca e a mandava fazer os serviços mais duros da herdade, como se fosse a pior serva. Para cúmulo, obrigou-a a servir de espantalho, guardando no pomar as fruteiras. Vivía a pobre menina horas e horas ao sol, afugentando os passarinhos para que não picassem as maçãs, pêras e figos.

Vai um dia, de tão cansada pelo trabalho, a menina adormeceu no calor do sol por se ter dei-

tado um pouco à sombra. Quando despertou, viu que a figueira tinha um figo de menos, comido pelos pássaros. A madrastra, que contava todos os dias as frutas maduras, notou que um se perdera e bateu na menina a mais não poder.

No outro dia sucedeu o mesmo, adormecendo a menina e um passarinho picou os figos. A madrastra revistou as fruteiras e, de tanta ira, cavou um buraco fundo e para lá atirou a menina, viva, cobrindo-a de areia, barro e pedras. Quando o marido voltou, contou-lhe que a filha havia abandonado a casa, fugindo com um namorado.

No lugar da sepultura da inocente nasceram umas flores muito bonitas que ninguém as vira anteriormente. Um trabalhador, mandando por ali perto, quis apanhar algumas daquelas flores e logo que dobrou o galhinho, ouviu uma voz cantando debaixo do chão:

Não me arranquem os cabelos que minha mãe os criou; minha madrastra os enterrou, por dois figos da figueira que o passarinho picou!

O trabalhador ficou admirado e foi contar ao dono da herdade o que ouvira. Veio este e, repetindo o gesto de colher a flor, ouviu, por sua vez, a voz cantando os mesmo versos. Reconheceu a voz da filha e, como um doído, mandou abrir a terra até que deu com uma laje. Quebrando-a, encontrou a filha viva e sã, contando o que a madrastra fizera.

O pai, furioso, expulsou a mulher para fora da casa, entregando-a à justiça que a condenou, e ficou vivendo com a filha muito bem.

A R U A V E R M E L H A
Maristela Cassilha, em Oficina Literária Sesc Pompeia (coordenadora: Elizabeth Ziani) 1995

Era uma rua poeirenta e com ventania de sonhos e pesadelos, pequena como a cidade. O vento não uivava, mas formava rodaminhos que na saída da missa surpreendia as velhinhas que não sabiam se seguravam os coques ou os vestidos. As meninas gostavam, pois mostravam como eram rodadas as suas saias com os vários saiotes engomados.

Tão poeirenta, não só a rua era vermelha, mas as casas, as pessoas e as crianças. As mais levadas tomavam até três banhos por dia com

água quente dos fogões de lenha. Na frente, uma praça com a igreja demolida para a construção da matriz, mas restou as lembranças dos vitrais coloridos que constituíram o meu primeiro caleidoscópio, assim como o espaço para as bicicletas, os circos e os parques com tantas fantasias e diversões.

As casas eram de madeira, como a igreja; menos a farmácia da esquina, dos compadres dos meus pais - do Guiomar, do Benê, e do Guide. Um dos poucos sobradinhos de material que lá

significava, pelas minhas vivências, riqueza e posição social. Depois a Coletoria Federal, trabalho do meu pai, a minha casa, o poço d'água com cobertura, tantas e tantas histórias. As árvores onde a imaginação corria de um simples esconderijo até o cipó do Tarzan.

Um pouco mais acima moravam as outras crianças que com seus 10 anos de idade já foram estudando nos colégios de São Paulo. Voltaram tão diferentes da Maristela que ficou.

A carrocinha do Fidelis continuou. Um negro com sorriso, palavras alegres e gentis, com as frutas da estação, um chapéu meio velho, um cavalo ainda viçoso. Tomava seu café, enquanto com o seu chapéu, rodávamos o nosso "céu".

Agora, sonhos ou pesadelos, nostalgias..., não, reflexões de uma realidade que continua numa dimensão mais leve ou pesada, não sei... Mas, constituiu um dinamismo, uma estrutura, um alicerce de vários enredos vividos. As lágrimas continuam, como antes, da poesia e emoção de viver.

O S Q U A T R O L A D R Õ E S
Os Melhores Contos Populares de Portugal: Seleção, prefácio e estudo de Luis da Câmara Cascudo, Edições de Ouro

Contam as histórias antigas que em Roma eram quatro ladrões. E andando huuma nocte a furtar sintirom a Justiça e fugirom e esconderomse em huuma cova. E quando a luz veeo, acharomse em huuma casa de abovada muy fremosa. E acharom em ella huum moymento de marmor muy fremoso. E disserom antre ssey:
- Este moymento foy de algum homem nobre e ryco. Abramollo e vejamos se acharemos hy algum bem. Ca em outros tempos acostumavam soterrar os grandes homens com doas e cousas de grande preço.

Entom abrirom o moymento e acharom o moymento cheo douro e de prata e de pedras preciosas e de vasos e de copas douro muy fremosas. E antre elles era huuma copa muy fremosa e mayor que todallas outras. Quando esto acharom, disserom antre ssey:

- Ora somos nós ricos e de boa ventura, e seremos ricos pera sempre nós e nossos filhos, mas será bem que algum de nós fosse aa villa per vianda.
E cada huum se escusava, dizendo que era conhecido em a cidade e se temia de o enforcarem. Em cabo disse huum delles:
- Se me vós derdes aquella maior e milhor copa, eu hirey pollo mantimento.

E os outros outogaron, e elle foy e trouxe de comer. E hindo pello caminho levando a vyanda, cuydou como meteria em ella peçonha em guisa que comendoa seus companheyros morriera e ficaria delle todo o que acharom em o moymento. E os tres ladrões que ficaram emquanto elle foy fallarom-se ante sy e disserom:
- Aquelle nosso companheiro nom quis hir pollo mantimento se-

nom que lhe dessemos a copa milhor, matemollo e ficará a nós todo o aver.
E disse huum delles:
- Como o mataremos sem perigo, cá elle he mais esforçado ca nós?
Respondeo o outro e disse:
- Quando elle veer digamoslhe que entre dentro e tome a copa e cayrom se antre dentro tiremos o madeyro que sostem as pedras e cayrom as pedras sobre elle e morrera.
E quando veeo o outro fezerommo assy e ficou logo morto. E elles disserom:
- Comamos e bevamos e depois partiremos o aver antre nós.
E começaram a comer a vyanda que o outro trouxera e morrerom com a peçonha que em ella andava.